

O SAPATEIRO POBRE

Havia um sapateiro que trabalhava à porta de casa e todo o santíssimo dia cantava. Tinha muitos filhos, que andavam rotinhos pela rua, pela muita pobreza, e à noite, enquanto a mulher fazia a ceia, o homem puxava da viola e tocava os seus batuques muito contente.

Ora defronte do sapateiro morava um ricaço, que reparou naquele viver e teve pelo sapateiro tal compaixão que lhe mandou dar um saco de dinheiro, porque o queria fazer feliz.

O sapateiro lá ficou admirado. Pegou no dinheiro e à noite fechou-se com a mulher para o contarem. Naquela noite, o pobre já não tocou viola. As crianças, como andavam a brincar pela casa, faziam barulho e levaram-no a errar na conta, e ele teve de lhes bater. Ouvia-se uma choradeira, como nunca tinham feito quando estavam com mais fome. Dizia a mulher:

- E agora, que havemos nós de fazer a tanto dinheiro?
- Enterra-se!
- Perdemos-lhe o tino. É melhor metê-lo na arca.
- Mas podem roubá-lo! O melhor é pô-lo a render.
- Ora, isso é ser onzeneiro!
- Então levantam-se as casas e fazem-se de sobrado e depois arranjo a oficina toda pintadinha.
- Isso não tem nada com a obra! O melhor era comprarmos uns campinhos. Eu sou filha de lavrador e puxa-me o corpo para o campo.
- Nessa não caio eu.
- Pois o que me faz conta é ter terra. Tudo o mais é vento.

As coisas foram-se azedando, palavra puxa palavra, o homem zanga-se, atíça duas solhas na mulher, berreiro de uma banda, berreiro da outra, naquela noite não pregaram olho.

O vizinho ricaço reparava em tudo e não sabia explicar aquela mudança. Por fim, o sapateiro disse à mulher:

- Sabes que mais? O dinheiro tirou-nos a nossa antiga alegria! O melhor era ir levá-lo outra vez ao vizinho dali defronte, e que nos deixe cá com aquela pobreza que nos fazia amigos um do outro!

A mulher abraçou aquilo com ambas as mãos, e o sapateiro, com vontade de recobrar a sua alegria e a da mulher e dos filhos, foi entregar o dinheiro e voltou para a sua tripeça a cantar e a trabalhar como de costume.

Conto popular

DER ARME SCHUSTER

Es war einmal ein Schuster, der arbeitete vor seiner Haustür und sang den lieben langen Tag.

Er hatte viele Kinder, die ganz zerlumpt auf der Strasse umhergingen, so arm waren sie. Am Abend, während die Frau das Nachtessen kochte, nahm der Mann seine Viola hervor und spielte zufrieden seine Trommel.

Dem Schuster gegenüber wohnte nun aber ein steinreicher Mann, der dies Leben beobachtete. Der Schuster tat ihm so Leid, dass er ihm einen Sack voll Geld geben liess, um ihn glücklich zu machen.

Der Schuster war sehr erstaunt. Er nahm das Geld, und am Abend schloss er sich mit seiner Frau ein, um es zu zählen. An diesem Abend spielte der Arme nicht Viola. Weil seine Kinder zu Hause spielten und Lärm machten, verzählte er sich und musste sie schlagen. Man hörte sie jammern, wie sie dies vorher nie gemacht hatten, als sie viel hungriger waren. Die Frau sprach:

"Und was machen jetzt wir mit dem vielen Geld?"

"Wir vergraben es!"

"Dann werden wir es nicht mehr finden. Wir schliessen es lieber in die Truhe."

"Aber es kann gestohlen werden! Das Beste wäre, es auszuleihen, damit es Zinsen bringt."

"Das wäre aber Wucher!"

"Dann bessern wir das Haus aus. Wir machen einen Holzboden, und nachher richte ich die frisch gestrichene Werkstatt neu ein."

"Das mit dem Bauen ist gar nichts. Wir kaufen lieber ein Stück Land. Ich bin Bauertochter, und mein Sinn steht nach Land."

"Das kommt für mich nicht in Frage."

"Ich will aber Land besitzen. Alles andere ist nur Wind."

Das Gespräch spitzte sich immer weiter zu, ein Wort gab das andere, der Mann wurde böse und gab der Frau zwei Ohrfeigen. Der eine schrie, die andere schrie – an diesem Abend taten sie kein Auge zu.

Der steinreiche Nachbar beobachtete das alles und konnte sich diese Veränderung nicht erklären.

Schliesslich sagte der Schuster zu seiner Frau: "Weisst du was? Das Geld hat uns unsere alte Fröhlichkeit genommen. Es wäre besser, es wieder dem Nachbarn zurückzugeben. Er soll uns doch in Armut leben lassen, die uns so freundschaftlich verband."

Die Frau umarmte ihren Mann, und der Schuster, der seine Fröhlichkeit und diejenige seiner Frau und seiner Kinder wiederbekommen wollte, brachte das Geld zurück.

Er sass wieder auf seinem Schemel, sang und arbeitete wie gewöhnlich weiter.

Volksmärchen